

# A DITADURA DAS FINANÇAS

João Martins Pereira

**RECÉM-CHEGADO** do Brasil, um parente contava-me, com naturalidade, que a situação por lá é tal que um arquitecto de sucesso das suas relações há muito que deixou o estirador e se dedica por inteiro às aplicações financeiras, “a única actividade hoje verdadeiramente lucrativa” naquele país, segundo as suas palavras. E eu interroguei-me, com falsa ingenuidade: como é possível que num Brasil onde são gritantes as carências de toda a ordem, onde a crise económica e social (e financeira!) é profunda, onde faltam infra-estruturas, onde o desemprego e a miséria (logo, o crime) são alarmantes - como é possível que a “actividade” (leia-se especulação) financeira permaneça imune ao estado de uma economia e de uma sociedade em farrapos?

Não é só no Brasil. O facto é que estamos bem longe dos tempos em que os economistas, mesmo os de pendor mais liberal, se debruçavam sobre os problemas do crescimento e do desenvolvimento económicos, como questão central do seu ofício. E nem se discutia o pressuposto de que era ao nível da “economia real” que se gerava a “riqueza colectiva” (bens e serviços, públicos e privados, e os rendimentos para os adquirir), enquanto o sector financeiro se destinava, no essencial, a fazer circular os recursos monetários dela provenientes e a facilitar a sua aplicação em novos investimentos. A noção de “investimento” era predominantemente “física” e “social” (aplicação de recursos em áreas económica e socialmente reprodutivas).

Como recordava recentemente um cronista de uma revista económica portuguesa, os três grandes motores do crescimento económico foram então definidos como: o investimento em capital fixo (infra-estruturas, equipamento, maquinaria); o melhoramento qualitativo dos recursos humanos (instrução de base, educação avançada, formação profissional); inovação tecnológica (que então se designava por “progresso técnico”). A transformação do crescimento em desenvolvimento implicava juntar a esses motores a dimensão política, social (redistribuição) e cultural.

A esta atitude não era alheia a memória dos anos sombrios que se seguiram ao krach da Bolsa de Nova York em 1929, isto é, dos perigos de deixar “embalar” a especulação financeira, em patente divórcio com a realidade económica. Os mecanismos keynesianos anti-crise conheceram por isso um enorme sucesso após 1945, até aos anos 70. E a presença de uma esquerda actuante e influente (nomeadamente a marxista) manteve uma inegável pressão no mesmo sentido, será bom não esquecer.

**Dinheiro.** Hoje, na esteira dos anos 80 ultra-liberais (cujos custos, diga-se de passagem, os E. Unidos e a Inglaterra hoje pagam duramente), tudo mudou. Instalou-se, perigosamente (ver acima), a “ditadura das finanças”; a respeitável

revista americana “Fortune” classificou num artigo o seu próprio país como “The money society”, a sociedade do dinheiro. Investir, nos nossos dias, passou a significar “fazer aplicações financeiras”, isto é, comprar papéis e com isso multiplicar o dinheiro sem qualquer actividade socialmente proveitosa, enquanto “investidores” são os que a tal desporto se dedicam. E isto, que é chocante em si, é-o tanto mais quanto maiores são as carências nos planos económico e social - daí que justamente tenhamos aberto este artigo com o exemplo brasileiro. Mas também em Portugal o fenómeno atinge as raízes do absurdo, quando não do ridículo, expressões que não devem contudo impedir que se observe os factos com a necessária atenção.

Nos últimos anos multiplicaram-se os bancos, as sociedades financeiras (de leasing, factoring, etc.), os fundos de investimento (este no sentido “moderno”), os “produtos financeiros” (também a noção de “produto” foi anexada pelo sector não-produtivo ...), as empresas de serviços de corretagem (que recentes escândalos trouxeram para a ribalta), etc. etc. E muito de tudo isto girou à volta de uma Bolsa que, inchada artificialmente, estoiroou ao primeiro susto, até hoje.

Dois depoimentos recentes, de gestores de empresas industriais, dizem o essencial: “Considero que [em Portugal] não há mercado financeiro (...) Se

obviamente “não é notícia”), com mexericos financeiros, entrevistas com “gente importante” dessa área, bem como sábias e minuciosas análises sobre os mercados financeiros internacionais (até na Rádio nos podemos informar quase ao minuto sobre o que se passa nas Bolsas de Tóquio, Londres ou Nova York). Só podemos concluir que deve ser bem mais fácil meter um jovem jornalista nos meandros deste jogo do que especializá-lo em questões da agricultura ou da indústria, dos transportes, do comércio externo, dos problemas de rendimentos, do “mundo do trabalho”, ou mesmo do Mercado único que aí vem (o que se confirma vendo as suas confrangedoras “peças” sobre estas e outras matérias mais próximas do “económico”).

Mas atenção: o mundo financeiro parece pairar acima da “economia real”, mas não paira. Basta ver como a revalorização do escudo nos últimos anos, de raiz essencialmente especulativa, atingiu fortemente as nossas indústrias exportadoras (disso é feita, em parte, a tão falada “crise dos têxteis”). Basta saber que as empresas, como sempre sucedeu, dependem, para o seu financiamento, do sistema financeiro e dos seus comportamentos (estes tantas vezes manipulados por interesses nebulosos, políticos ou outros). E também que os famosos “critérios de convergência” nominal de Maastricht, predominantemente financeiros, teriam, a serem cumpridos, um papel decisivo sobre as economias, de algum modo perpetuando o status quo da hierarquia de níveis de desenvolvimento entre os países europeus (e tanto mais quanto os famosos Fundos Estruturais e de Coesão social serão agora, pós-20 de Setembro, quase uma quimera). Enfim, que os rendimentos gerados (sabe Deus como) em todas essas múltiplas actividades de circulação do dinheiro, acabam, mais tarde ou mais cedo, por descer ao mundo em que se produzem e compram bens e serviços, para adquirir os seus “sinais exteriores de (nova) riqueza”, que são coisa que alguém teve de produzir.

**Entretenimento.** É justamente por isso que é preocupante a “ditadura das finanças”: a economia real ficou em posição de simplesmente

A economia anda a reboque do mero “jogo do dinheiro”

retirarmos as obrigações, as operações fora de Bolsa e, de vez em quando, uma OPA, o que ficaria de genuína transacção de Bolsa [mercado de acções] seria praticamente nada”. “Os mercados financeiros em Portugal ainda não funcionam, nem o recurso à Bolsa como alternativa de financiamento (...) As flutuações da Bolsa têm muito pouco que ver com a qualidade das empresas”. A Bolsa nunca passou de um Casino (assim lhe chamou Jacinto Nunes nos tempos de euforia) onde se procuravam fortunas fulgurantes.

Entretanto, os chamados “novos grupos económicos” de base industrial, que fizeram milhões durante o boom da especulação bolsista (1986/87), ganharam-lhe o gosto e diversificaram as suas actividades justamente para a área financeira, para o imobiliário, para a distribuição, deixando praticamente de investir na indústria.

Espectaculo. Curioso é que os próprios jornalistas, sempre tão preocupados em só “dar espaço ao que é notícia”, ocupem páginas e páginas de tudo o que é jornal, secção ou suplemento económico, e múltiplas revistas também supostamente “económicas” com uma Bolsa moribunda (que

andar a reboque de interesses que se preocupam sobretudo com o mero “jogo do dinheiro”, e quase nada com as questões do crescimento, do desenvolvimento ou dos problemas colectivos (considerados não só numa óptica quantitativa, mas sobretudo qualitativa). Interesses que, no que nos diz respeito, nem sequer são nacionais, dado o peso insignificante dos nossos políticos e especuladores

Quanto ao cidadão comum, esse que anda cá por baixo, trabalhando onde lhe calhou em sorte (inclusive no sector financeiro), resta-lhe observar, perplexo, a completa desfiguração das cidades, invadidas por centenas, senão milhares, de sedes e agências bancárias, bem como de empresas semi-fantasmas, que nem percebe o que fazem - mas que se apropriam sem cerimónia de tudo o que ainda dava alguma graça e estilo às ruas onde sempre viveu e passou. Mas a televisão aí está para lhe recordar que ainda não comprou o último modelo de vídeo, de CD, de telefone portátil, de computador, de automóvel. E isso irá chegando, até ver, para lhe preencher as preocupações quotidianas - e até para se divertir um pouco à custa dos que “caíram” na última burla financeira.